

Coletivos periféricos de jornalismo: por um jornalismo decolonial e antirracista¹

Edilaine Heleodoro FELIX²

Universidade de São Paulo e Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo é o início de uma pesquisa maior para o doutorado sobre coletivos periféricos de jornalismo. A proposta inicial visa identificar como coletivos periféricos de jornalismo têm contribuído para proporcionar maior diversidade às pautas e práticas jornalísticas e auxiliado na construção de narrativas mais adequadas às realidades das periferias. Após levantamentos iniciais é possível identificar algumas iniciativas periféricas, como Agência Mural de Jornalismo das Periferias, Énois, Desenrola e Não Me Enrola, Preto Império, Periferia em Movimento, em busca de um jornalismo antirracista e decolonial.

PALAVRAS-CHAVE: coletivos; periferia; jornalismo; antirracista; decolonial.

Introdução

Baseados principalmente em vínculos comunitários e experiências de resistência política às opressões sociais que ocorrem nas periferias, os coletivos culturais periféricos "reinventam formas de organização produtiva, constituindo arranjos locais a partir de outras lógicas, distintas do paradigma produtivo neoliberal" (OLIVEIRA, 2019, não paginado). Assim são também os coletivos periféricos de jornalismo, que são projetos que funcionam em formato de oficinas, agência de notícias, escolas de jornalismo de periferias, com propostas para a produção e divulgação de notícias mais comprometidas com as realidades periféricas.

Tavares (2019) destaca que os coletivos de jornalismo das periferias de São Paulo produzem outra narrativa sobre a vida nesses bairros, elegendo quais iniciativas e questões e também de que maneira essas devem ser tratadas no jornalismo "para que ele

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes Universidade de São Paulo (PPGCOM/ECA/USP), jornalista e mestre em Comunicação pela Universidade de São Paulo (PPGCOM/ECA), professora do curso de Jornalismo da Universidade Cruzeiro do Sul. E-mail: efelix@usp.br, edilaine.felix@cruzeirosul.edu.br.

seja ao mesmo tempo coerente com o cotidiano das pessoas que ali residem, útil para elas e ressignifique o olhar sobre o território tanto de quem mora lá, quanto de quem mora nos centros” (TAVARES, 2019, p. 17).

E, conforme Mara Rovida (2018), a periferia é dinâmica e plural, é território ocupado com subdivisões e organizações internas que se diferenciam entre si e tornam o espaço diverso e complexo. “Longe de ser, portanto, um contínuo homogêneo, as periferias se apresentam como espaço de identidades variadas e de vínculos sociais estabelecidos por relações duradouras” (ROVIDA, 2028, p. 14). Diante de um cenário de crise no jornalismo, da necessidade de diversificação das pautas jornalísticas e de pesquisas por meio da leitura dos artigos publicados sobre o trabalho dos jornalistas em estudos que abordam o mundo do trabalho dos jornalistas (FÍGARO, NONATO, 2017; FÍGARO, 2018; MICK, 2020), o jornalismo periférico vem mostrando o fazer jornalismo nas e para as periferias com o objetivo de produzir pautas considerando todo o ambiente periférico, identificando o local, as pessoas, as questões étnico-raciais, de gênero.

A necessidade de um jornalismo feito nas e para as periferias dá origem aos coletivos de jornalismo de periferias, com o propósito de ensinar jovens a criar conteúdo jornalístico que atendam às necessidades locais, uma vez que as escolas de comunicação e as redações nem sempre refletem sobre a importância da relação com a sociedade e a necessidade da inclusão e da diversidade nas pautas.

O Observatório de Favelas, organização dedicada à produção do conhecimento e de proposições políticas sobre as favelas e fenômenos urbanos, lembra que a favela e seus habitantes costumam ter representações marcadas pelo acúmulo histórico de processos de violência simbólica, os quais envolvem sua invisibilização, estigmatização, exotização ou combinações dessas alternativas. O livro *Solos Culturais*, projeto da organização, realizou um estudo que lançou um olhar cultural sobre cinco favelas do Rio de Janeiro. Para entender essas identidades e trabalhar com a memória desse território, eles afirmam que “as favelas não são homogêneas”, enfatizando que elas “são plurais em suas histórias e geografias de estar e ser a cidade” e que “não é possível persistir com tratamentos simplificadores desses territórios e de seus moradores. [...]” (2013).

Segundo Santos (2000), desde o século XIX, o termo território se associa ao papel desempenhado pelo Estado no controle das relações entre as classes sociais e os espaços ocupados.

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer aquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da resistência, das trocas materiais e espirituais e da vida sobre as quais ele influi. Quando se fala em território, deve-se, pois, de logo, entender que está se falando em território usado, utilizado por uma dada população. (SANTOS, 2000, p. 96)

Observa-se que a divisão territorial da cidade de São Paulo, não só nos seus elementos geográficos, mas também culturais e simbólicos, são fatores de identificação que aglutinam sentidos que são adotados por esses jornalistas de periferias para conferirem um rumo a suas experiências profissionais. “Favela é lugar de resistência e tem de ser elaborado na prática jornalística, por meio de fontes da periferia e de ‘histórias da favela’, ou seja, “histórias que reforcem o poder da favela financeiramente, culturalmente, que inspirem outras pessoas, contem casos de vitória que alguém da favela teve”. (NONATO, CAMARGO, PACHI FILHO, 2020, p. 13)

Construções jornalísticas para um projeto decolonial

No texto *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina* Aníbal Quijano diz que na América, a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. Desse modo, os povos conquistados (negros, indígenas) e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e consequentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais.

A colonialidade do poder baseada na imposição da ideia de raça como instrumento de dominação foi sempre um fator limitante destes processos de construção do Estado-nação baseados no modelo eurocêntrico. Segundo o autor, “raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade” (p. 118). E essa classificação social da população mundial de acordo com a ideia de raça, conforme Quijano, permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo o eurocentrismo.

Esse eixo tem, portanto, origem e caráter colonial, mas provou ser mais duradouro e estável que o colonialismo em cuja matriz foi estabelecido. Implica, consequentemente, num elemento de colonialidade no padrão de poder hoje hegemônico. (QUIJANO, 2005, p.117)

Para Joaze Bernardini-Costa e Ramón Grosfoguel, no texto *Decolonialidade e perspectiva negra*, esse padrão de poder não se restringiu ao controle do trabalho, mas envolveu também o controle do Estado e de suas instituições, bem como a produção do conhecimento. E, por ser central ao projeto político-acadêmico da decolonialidade ele é o reconhecimento de múltiplas e heterogêneas diferenças coloniais, assim como as múltiplas e heterogêneas reações das populações e dos sujeitos subalternizados à colonialidade do poder.

O autor explica que o projeto decolonial reconhece a dominação colonial nas margens e fronteiras externas dos impérios (nas Américas, no sudeste da Ásia, no norte da África), bem como, por exemplo, do negro e dos chicanos nos Estados Unidos, de paquistaneses e indianos na Inglaterra, magrebinos no França, e negros e indígenas no Brasil.

Na década de 1960, essa diferença colonial nas fronteiras internas dos impérios foi conceituada por Pablo Gonzales Casanova de colonialismo interno em que sobretudo o eixo racial estabeleceu uma divisão de privilégios, de experiências e de oportunidades entre negros e brancos, populações indígenas e brancos, tal como exemplifica a história do Brasil. (BERNARDINO-COSTA, GROSFUGUEL, 2016, p. 20)

Para Quijano o resultado na história do poder colonial (entre Europa e não-Europa) teve duas implicações decisivas. Segundo ele, uma é de que os povos foram despojados de suas próprias e singulares identidades históricas e outra, talvez menos óbvia, é de que a sua nova identidade racial, colonial e negativa, implicava despojar-se de seu lugar na história, da sua produção cultural e da sua humanidade.

Atualmente essas implicações continuam associadas a rótulos negativos, preconceituosos e estereotipados. Fernando Fernandes, Jailson de Souza e Silva e Jorge Barbosa relatam em artigo que no Brasil, e mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, as representações sociais das favelas e de outros territórios populares foram fundamentais para manter grupos socialmente desiguais destituídos de representatividade nos direcionamentos do desenvolvimento urbano e nas políticas públicas abrangentes.

A desmoralização dos moradores de favela, tratados como “cidadãos de segunda classe” (ou “não-cidadãos), conjuntamente com outros rótulos negativos, foram historicamente utilizados para reter, no território das favelas, os moradores em condições de desigualdade. (FERNANDES; SOUZA e SILVA; BARBOSA, 2019, não paginado.)

Como evidencia Oliveira no artigo *Paulo Freire e uma prática jornalística emancipatória-decolonial*, a exclusão não se dá apenas no nível de quem é ou não

contratante mas para além disto, para quem tem fala legitimada como racional, como produtora de conhecimento. “Em outras palavras, os saberes constituídos em vivências não eurocêntricas são deslegitimadas, daí que as vozes dos seus sujeitos são desconsideradas dentro da arena da esfera pública.” (OLIVEIRA, 2020, p. 128)

No artigo, que apresenta uma proposta conceitual de jornalismo como ação cultural emancipatória, Oliveira faz uma ponte da percepção da *cultura do silêncio*³ de Paulo Freire com a *colonialidade* do poder, de Aníbal Quijano. Ambas as ideias apontam que essa cultura tem origem no passado colonial, no qual o jornalismo da cultura do silêncio “atua na construção de um circuito restrito de fontes legitimadas pelos indicadores eurocêntricos e estabelece uma agenda pública a partir da percepção de um ‘atraso estrutural’ nas singularidades latino-americanas que legitima a prática.” (OLIVEIRA, 2020, p. 130)

Oliveira afirma que o jornalismo não contribui para a cidadania e para a democracia enquanto continuar mostrando a periferia como sinônimo de violência, e por isso, de acordo com Mara Rovida, se o contexto vivido é opressor, há necessidade de propostas alternativas que contemplem aquilo que não é apresentado de forma satisfatória na produção hegemônica.

Diferentes fatores são estudados para apontar a construção de um jornalismo decolonial, antirracista. Um deles é a crise nos modelos de produção e consumo das mídias tradicionais, associadas à revolução tecnológica, que levou jornalistas a buscarem alternativas para se manterem na profissão. Segundo Nonato, Camargo e Pachi Filho, os arranjos produtivos locais são algumas dessas alternativas de trabalho, com temas e conteúdos voltados para o território, a comunidade, os cidadãos locais, e envolvidos no processo de emancipação dos moradores e na construção de uma narrativa jornalística antirracista.

O jornalismo tem (ou deveria ter) compromisso com interesse público. Dennis de Oliveira, no livro *Iniciação aos Estudos de Jornalismo*, vai além e diz que em um país com tanta desigualdade, com o racismo estrutural que “estratifica posições sociais e acesso aos direitos por conta de raça e classe, o jornalismo por aqui ocorre em uma democracia incipiente, parcial que nunca chegou à periferia” (OLIVEIRA, 2020, p. 6).

³ Na obra *Jornalismo e emancipação: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire* Oliveira defende que as ideias freireanas podem ser base para a construção de um novo tipo de jornalismo, não só nos seus conteúdos mas principalmente pelo processo de construção de notícias. (OLIVEIRA, 2017)

Há necessidade de construir uma narrativa que possibilite compreender racionalmente essa cotidianidade. E é por isso que o papel do jornalismo é o de romper com essas barreiras. Enio Moraes Júnior diz que a imprensa deve estimular a atuação dos indivíduos na vida pública e nas discussões democráticas a fim de participar do debate público compreendendo os assuntos e avaliando criticamente as notícias e, para ele cabe ao jornalismo civicamente responsável “o agendamento de temas ligados aos direitos humanos e a à democracia, em consonância com valores éticos da profissão” . Segundo ele, o jornalismo deve estar empenhado em apurar, veicular e aprofundar a informação, orientado pelo interesse público e construção da cidadania e, se interesses privados prevalecem sobre os cidadãos, “o jornalismo não cumpre seu papel e transforma-se em embuste”. (MORAES JÚNIOR, 2011, p. 53)

A construção da democracia depende da real consciência da cultura de direitos humanos, ou seja, da formação de pessoas ativas e críticas, conscientes de seu papel social e político. E, nesse sentido, o acesso à informação de qualidade contribui de forma direta para a mudança de situação de quem a consome, ainda mais, no exercício da cidadania (TÔZO, FELIX, SILVA, 2019).

De acordo com Muniz Sodré (2021), o jornalismo esteve/está à mercê do sistema do governo, por isso é preciso um jornalismo independente. A linha editorial e ideológica dos meios de comunicação do país não representa a diversidade política, cultural, étnica e social brasileira. Por isso, Oliveira (2017) defende que o papel do intelectual que milita para transformar a sociedade não é apenas o de fazer críticas, mas também de apontar caminhos de mudanças.

Iniciativas periféricas: um jornalismo da e para as favelas

Como informado na Introdução, os coletivos periféricos de jornalismo são baseados principalmente em vínculos comunitários e experiências de resistência política às opressões sociais que ocorrem nas periferias. Podem também ser conhecidos como arranjos jornalísticos econômicos alternativos de comunicação com propósito de produzir um jornalismo alternativo ao da grande mídia, que ao abordar a periferia acentua temáticas assistencialistas e a violência do lugar, alimentando estereótipos sobre essas áreas nas grandes cidades. “Para esses grupos, no entanto, o centro não é a classe dominante, ou seja, são as periferias (no plural, porque são múltiplas) que estão no centro,

demarcando o próprio território como símbolo de resistência e luta cotidianas.” (NONATO; PACHI FILHO; CAMARGO, 2020, p. 1)

Um desses coletivos, a Énois, Escola Laboratório Aberto de Jornalismo, que apoia o desenvolvimento de jovens que reflitam e produzam jornalismo diverso, fundada em 2009 no bairro do Capão Redondo na zona sul da capital paulista, fez uma pesquisa, em 2018, para mapear o número de jornalistas negros atuantes, a partir de dados do Censo da Educação de 2016, coletados pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira).

Os dados mostravam que os negros (pretos e pardos) matriculados nos cursos de jornalismo do Brasil em 2016 somavam cerca de 40%. No entanto, quando observávamos as redações, esse percentual caía para 20% de negros atuantes. De acordo com a investigação *Por que as redações são tão brancas?*, a proporção de brancos, que é de 60% na graduação, ultrapassa 70% nas redações, enquanto a de pretos e pardos cai para 20%. “Se o funil da diversidade já é estreito para entrar na faculdade, na redação apertada. (...) A falta de diversidade afeta a sociedade e a democracia, mas também pessoalmente os jornalistas”, diz a Énois.

A formação em jornalismo confere o repertório para atuação no mercado de trabalho nos moldes tradicionais, mas jovens periféricos, negros, que chegam às universidades passam a ser afetados pelo discurso acadêmico que lhes permite refletir sobre sua condição, seu espaço e sua origem social. O conhecimento adquirido na faculdade de jornalismo é instrumentalizado em benefício da favela e faz com que eles passem a entender como são representados na mídia e mudar a narrativa.

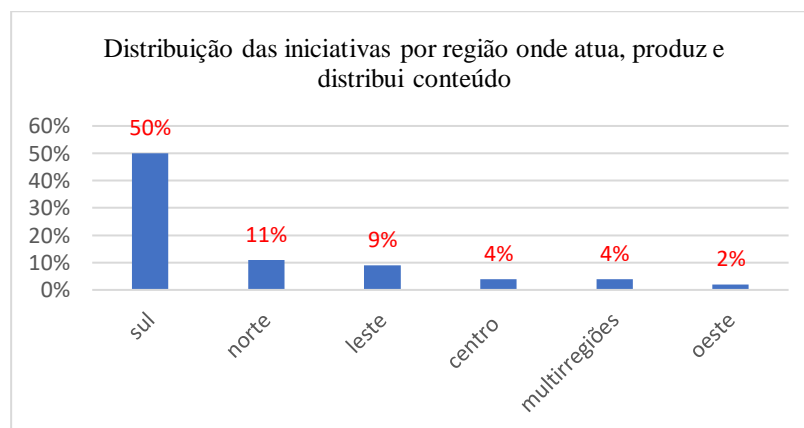
De acordo com Mara Rovida, a ideia de que a periferia já tem sua voz, ou suas vozes, pode parecer simplória, mas está carregada de significado e resvala num debate epistemológico do fazer jornalístico.

Se as periferias guardam essa diversidade, parece que o trabalho dos jornalistas envolvidos nesse jornalismo periférico está em consonância com a necessidade de uma abordagem dialógica e plural, embora as linhas editoriais tragam um direcionamento mais específico do que o comumente aventado pela imprensa hegemônica. A suposta contradição na verdade revela que o olhar das periferias, embora específico e engajado com uma parcela do território urbano, é tão diverso quanto o universo mais amplo da própria urbes. (ROVIDA, 2018, p. 14)

A pesquisa *Mapa do Jornalismo Periférico: passado, presente e futuro*, produzida em 2019 pelo Fórum de Comunicação e Territórios de São Paulo, mapeou 97 iniciativas de comunicação periférica na capital. “Buscamos aquilo que acreditamos ser fundamental na cobertura periférica: trazer à tona as informações úteis, histórias de cuidados, os serviços e as ações tomadas pelas periferias”, explica Vagner de Alencar, jornalista e cofundador da Agência Mural. Ações que ficam evidentes quando destacada na pesquisa a motivação central dos atuantes de coletivos de jornalismo de periferias: “dar visibilidade ao que é invisibilizado na grande mídia, quebrar estereótipos negativos sobre os moradores e o viver nas periferias”.

A pesquisa teve como realizadores os coletivos Historiorama, Desenrola e Não Me Enrola, Preto Império e Periferia em Movimento e classificou pessoas, coletivos ou organizações sociais e culturais, sempre com recorte de território. Segundo os organizadores, essa iniciativa precisava estar em alguma das periferias da cidade de São Paulo e atuar a partir dela. De acordo com o *Mapa*, a região Sul concentra 50% das iniciativas comunicacionais de periferia. Segundo os organizadores,

é preciso, também, considerar a tamanho e o histórico da região, engajada em lutas e articulada em redes, especialmente de cultura, há muitos anos, como outro fator que pode ter contribuído para essa super-representação. Comunicação e cultura são dois elementos que, especialmente na zona sul, pela sua forte e efervescente cena, se mostra intimamente conectadas, as linguagens se perpassam, produzem outros sentidos. (MAPA DO JORNALISMO PERIFÉRICO)



Das iniciativas que responderam ao questionário do *Mapa*, vale destacar que a maioria delas tem de 2 a 5 integrantes e que 80% não tinham a iniciativa como único trabalho. A maioria dos comunicadores tem o tempo dividido entre outras atividades, por isso o número é insuficiente para realizar tudo o que gostariam. Conciliar os projetos dos coletivos com as necessidades individuais é um grande desafio.

Em relação ao formato de conteúdo produzido, as iniciativas produzem conteúdo on-line; impresso; nas redes sociais e também conteúdo audiovisual, radiofônico e outros conteúdos como cursos, cineclubes, rodas de conversa, exposições. 63% dos comunicadores que produzem conteúdo nos coletivos periféricos fizeram faculdade na área de comunicação; 62% estudaram com apoio de políticas públicas e 80,3% das iniciativas têm conteúdo autoral – com pautas sobre o território, a vivência periférica.

O *Mapa* é apenas umas das muitas iniciativas existentes que registram o trabalho realizado pelos coletivos. Há a Rede de Jornalistas das Periferias, o Mapa da Mídia Independente da Agência Pública - que mostra projetos independentes e periféricos -, e tantas outras propostas espalhadas em todo o país. Aqui, neste artigo, mostro cinco coletivos, que se desenvolveram e buscaram alternativas para formar, informar, produzir pautas e conteúdos jornalísticos antirracistas da e para a periferia.

A escolha de apresentar um breve histórico desses cinco coletivos se justifica por tratarem de temas e conteúdos produzidos por jornalistas das periferias, pensados para o território, para os cidadãos periféricos, com assuntos de interesse público, e refletem o início de uma pesquisa maior para o doutorado que começa a se desenhar sobre um jornalismo que segue produzindo e reproduzindo rótulos das periferias e que tem no jornalismo produzido por jornalistas periféricos, nos coletivos, a sobrevivência para a atuação no mercado de trabalho numa prática jornalística decolonial e antirracista.

Agência Mural de Jornalismo das Periferias

A Agência Mural (<https://www.agenciamural.org.br/>) nasceu em 2010 e tem como objetivo “minimizar as lacunas de informação e contribuir para a desconstrução de estereótipos sobre as periferias”. Começou como um projeto multimídia que formava e treinava “correspondentes comunitários” - alunos de jornalismo, blogueiros, jovens com alguma experiência em jornalismo e outros interessados egressos de comunidades de periferia da cidade de São Paulo para produção de conteúdo jornalístico da e para a periferia. Hoje, conta com 80 correspondentes “muralistas” na cidade, distribuídos nas região norte, sul, leste, oeste e Grande São Paulo, sendo que 60,8% são pretos e pardos.

Desenrola E Não Me Enrola

Criado em 2013, o Desenrola E Não Me Enrola (<https://desenrolaenaomenrola.com.br/>) é um coletivo de comunicação engajado em

“criar e ressignificar práticas e métodos de produção de conteúdo jornalístico, pesquisa e formação”, tendo como ponto de partida a produção de conhecimento nos diferentes contextos sociais que dão forma às periferias de São Paulo. Em 2017, o coletivo começou estruturar um programa de produção de dados sobre a identidade cultural dos sujeitos e territórios periféricos da cidade de São Paulo – Info Território. Outro projeto é o Você Repórter da Periferia, com o objetivo de formar comunicadores populares engajados em divulgar as ações culturais da periferia de São Paulo, com oficinas teóricas e práticas de jornalismo, reconstruindo e ressignificando olhares e narrativas sobre os territórios periféricos, utilizando ferramentas do jornalismo. O coletivo está localizado na zona sul da capital paulista.

Preto Império

A Preto Império (<https://www.pretoimperio.com/>) é um coletivo e uma empresa de impacto social com base na Vila Teresinha, distrito da Brasilândia, periferia da zona norte da cidade de São Paulo. O coletivo quer ser referência na discussão da pretitude articulada com a reflexão sobre raça, classe e gênero e suas complexidades, tais como branquitude e masculinidades; no desenvolvimento e fortalecimento da população negra e dos territórios periférico, e no fomento a modos de vida sustentáveis. De acordo com o coletivo, o olhar e a narrativa na periferia se torna cada vez mais urgente diante de uma realidade sempre estereotipada e negligenciada por veículos de mídia tradicionais.

Por isso, disputar a democratização de uma comunicação que fomente a produção jornalística de dentro para dentro e de dentro para fora é fundamental. A comunicação é fundamental para a construção de sujeitos periféricos. Quando nos entendemos enquanto sujeitos dos territórios passamos a fazer parte ativamente dele, buscamos entendê-lo, criticá-lo e melhorá-lo. (PRETO IMPÉRIO)

Periferia em Movimento

Fundada em 2009 por jovens jornalistas moradores das periferias da Zona Sul de São Paulo, o coletivo Periferia em Movimento (<https://periferiaemmovimento.com.br/>) tem como missão fazer um jornalismo sobre, para e a partir das periferias, em sua complexidade, para ocupar espaços que sempre foram negados e garantir o acesso a direitos. Produtora independente de Jornalismo de Quebrada, a Periferia em Movimento gera e distribui informação dos extremos ao centro e discute a cidade e o país produzindo conteúdo jornalístico “de dentro para dentro”, pautando a cidade a partir da visibilização

de histórias de quem está nas frentes de luta pela garantia de direitos pela cultura, saúde, educação, mobilidade, moradia, participação política, preservação ambiental, trabalho e renda, com questões de gênero, sexualidade, raça e classe de forma transversas. Além de realizar articulação pela garantia de direitos a partir da discussão sobre Jornalismo, Periferias e Direitos Humanos, por meio de encontros de aprendizagem (palestras, oficinas, cursos, vivências), curadorias e consultorias

Énois laboratório de jornalismo

É um laboratório para impulsionar a diversidade, a representatividade e inclusão no jornalismo brasileiro. Foi fundada em 2009 com a Escola de Jornalismo (EJ), voltada ao público jovem e, em 2014, se tornou a primeira escola on-line de jornalismo no Brasil. A Énois (<https://enoisconteudo.com.br/>) já foi escola, agência e hoje é um laboratório de jornalismo, com sede no Bom Retiro, região central da capital paulista. Em cursos presenciais de jornalismo formou mais de 500 jovens da periferia e mais de 4 mil estudantes passaram pela escola on-line. Na agência, esses jovens produziram mais de 80 reportagens, publicadas em veículos parceiros nacionais e internacionais..

Considerações

Como ressaltou Dennis de Oliveira em *Jornalismo e Emancipação: Uma prática jornalística baseada em Paulo Freire*, as mudanças sociais, a diversidade étnico-racial, um jornalismo emancipador, que tenha o poder de alterar o modo como o mundo hoje se apresenta, de apontar pistas e caminhos de mudança, de resgatar a diversidade, esse é o papel do jornalismo como agente transformador, por meio de uma ação emancipadora.

Nessa lacuna pela representatividade seguem os coletivos periféricos de jornalismo, que investem em formação e informação para mostrar as potencialidades da periferia, seus projetos culturais, sociais e políticos, como a Agência Mural de Jornalismo das Periferias, Desenrola E Não Me Enrola, Preto Império, Periferia em Movimento e Énois, e se utilizam das mesmas técnicas e tecnologias, mas, principalmente, pautam assuntos e atendem às necessidades do público periférico que não se vê representado no noticiário da mídia tradicional.

Pesquisa sobre raça nas redações – *Precisamos racializar o jornalismo* - realizada pela Diversa, newsletter da Énois, laboratório de jornalismo, publicada em setembro de 2019, que mostra que menos de 30% das redações, em um universo de 64 veículos, têm

políticas voltadas para representatividade racial, e que há poucos jornalistas negros - mais da metade tem menos de 3 na equipe.

A pesquisa coletou informações de 234 respondentes de 19 a 60 anos, de 11 estados brasileiros, dos quais quase metade é de São Paulo. Em relação aos salários, a maioria dos negros ganha menos que os brancos, e cerca de 30% dos jornalistas negros são freelancers.

Segundo a Énois “sem diversidade na redação é difícil ter um produto diverso, que registra e questiona a realidade a partir da visão da maioria da população”. Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), as pessoas negras são 53% da população do país.

Tão crucial quanto é o racismo como princípio constitutivo, que ele estabelece uma linha divisória entre aqueles que têm o direito de viver e os que não o têm, haja vista o conflito entre forças do Estado e populações negras periféricas das grandes cidades brasileiras, expresso no que tem sido nomeado como genocídio da juventude negra (BERNARDINO-COSTA; MADONADO-TORRES; GROSGOUEL, 2020, p. 11)

De acordo com Aníbal Quijano, as classes sociais na América Latina têm “cor, “qualquer cor” que se possa encontrar em qualquer país, em qualquer momento, o que, segundo ele, a classificação das pessoas não se realiza somente num âmbito do poder, a economia, por exemplo, mas em todos e em cada um dos âmbitos. “Nos termos da questão nacional, só através desse processo de democratização da sociedade pode ser possível e finalmente exitosa a construção de um Estado-nação moderno, com todas as suas implicações, incluindo a cidadania e a representação política” (QUIJANO, 2005, p. 138).

Com uma linha editorial que não representa a diversidade política, cultural, étnica e social brasileira, na prática, o jornalismo - influenciado por aspectos do mercado neoliberal - nem sempre consegue ou tem interesse em contribuir na discussão de pautas antirracistas, decoloniais. Assim, os coletivos periféricos de jornalismo que participam ativamente na construção de uma sociedade justa e democrática, além de construir espaços de desenvolvimento e inteligência, com pautas e conteúdo jornalístico que apontam as necessidades e a vivência da periferia, têm um papel transformador na construção de um jornalismo antirracista.

Referências

BARBOSA, Jorge Luiz; DIAS, Caio Gonçalves (Orgs.). **Solos Culturais**. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2013.

BELESSA, Mauro. **Dennis de Oliveira analisa coletivos culturais periféricos da cidade de São Paulo**. São Paulo, 2019. Disponível em <http://www.iea.usp.br/noticias/coletivos-culturais-perifericos>. Acesso em 04 jul 2022.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e perspectiva negra**. Revista Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, jan-abr, 2016. Disponível em <https://www.scielo.br/j/se/a/wKkj6xkzPZHGcFCf8K4BqCr/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 04 jul 2022.

BERNARDINO-COSTA, Joaze, MADONADO-TORRES, Nelson, GROSGOUEL, Ramón (Orgs.) **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

ÉNOIS. **Por que as redações são tão brancas?** Disponível em: <https://enoisconteudo.com.br/por-que-as-redacoes-sao-tao-brancas/> Acesso 04 jul 222.

ÉNOIS. **Precisamos racializar o jornalismo**. Disponível em enoisconteudo.com.br/precisamos-racializar-o-jornalismo/. Acesso em 04 jul 2022.

FERNANDES, Fernando; SOUZA e SILVA, Jailson de; BARBOSA, Jorge. **O Paradigma da Potência e a Pedagogia da Convivência**. Revista Periferias, 2019. Disponível em <http://imja.org.br/pt-br/wp-content/uploads/2019/02/Editorial-Revista-Periferias-O-Paradigma-da-Pot%C3%Aancia-e-a-Pedagogia-da-Conviv%C3%Aancia.pdf>. Acesso em 04 jul 2022.

FIGARO, Roseli; NONATO, Claudia. **Novos “arranjos econômicos” alternativos para a produção jornalística**. Contemporânea: comunicação e cultura. v.15, n. 1, jan-abr, 2017.

FIGARO, Roseli (Org.). **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho dos jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: ECA-USP, Centro de Pesquisa Comunicação e trabalho, 2018.

FÓRUM DE COMUNICAÇÃO E TERRITÓRIOS DE SÃO PAULO. **Mapa do Jornalismo Periférico: passado, presente e futuro**, ago 2019. Disponível em https://comunicacaoeterritorios.org/_files/ugd/fce3c8_5e94ce715b39442b80f0e0bd88b41378.pdf. Acesso em 04 07 2022.

MICK, Jacques; KIKUTI, Andressa. **O mundo do trabalho de jornalistas no Brasil: uma agenda de pesquisa**. PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 27. 2, ago-set, 2020, p. 210-239.

MORAES JÚNIOR, Enio. O ensino do interesse público na **formação de jornalistas: elementos para uma pedagogia de ensino**. São Paulo, 2011. Disponível em https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-23092011-185859/publico/ENIO_DO.pdf. Acesso em 04 07 2022.

NONATO, Claudia; CAMARGO, Camila Acosta; PACCHI FILHO, Fernando Felício. **Periferia: um lugar para a identidade no discurso de jornalistas**. E-Compós, v. 23, 2020.

OLIVEIRA, Dennis de. **Jornalismo e emancipação: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire**. Curitiba: Ed. Appris, 2017.

OLIVEIRA, Dennis. **Paulo Freire e uma prática jornalística emancipatória-decolonial**. Revista Olhares, v. 08, n. 02, ago, 2020. Disponível em <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/10783/7893>. Acesso em 04 07 2022.

OLIVEIRA, Dennis. **Iniciação aos estudos de jornalismo**. São Paulo: Instituto Abya Yala, 2020.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade de poder, eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em 08 jul 2022.

ROVIDA, Mara. **As periferias pelos periféricos – em busca de uma outra narrativa**. 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. SBPJor - Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2018.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SODRÉ, Muniz. **A sociedade incivil: mídia, iliberalismo e finanças**. 1ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 21021.

TAVARES, Luisa. **O jornalismo das periferias de São Paulo entre a experimentação e a atualização de práticas convencionais**. Santa Catarina, 2019. Disponível em https://www.researchgate.net/profile/Luisa_Tavares/publication/336653546_O_jornalismo_das_periferias_de_Sao_Paulo_entre_a_experimentalcao_e_a_atualizacao_de_praticas_convencionais

[/links/5daa08a7299bf111d4be6479/O-jornalismo-das-periferias-de-Sao-Paulo-entre-a-experimentacao-e-a-atualizacao-de-praticas-convencionais.pdf](#).

TÔZO, Carla; FELIX, Edilaine H.; SILVA, Maria Lucia da. **Práticas pedagógicas na formação de jornalistas: construção de pautas emancipadoras e de interesse público.** 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, INTERCOM – Belém, 2019.